

## Erhu

Higor Lima da Silva\*

Licenciando em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atua como monitor no Projeto de Monitoria « Letramento Acadêmico no Curso de Letras EFLCH/UNIFESP » e fez parte do grupo de estudos Greimas da EFLCH. Professor de língua e cultura lusófona e anglófona.



<https://orcid.org/0000-0002-9599-1729>

**Recebido** em: 03 abr. 2021. **Aprovado** em: 14 mai. 2021.

### Como citar este artigo:

LIMA DA SILVA, Higor. Erhu. *Revista Letras Raras*, v. 10, n. 3, p.371-373, set. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10062861>

Nesta noite. Nesta noite,  
as cordas de *A Bing* estilhaçaram a nossa mentira.

Nesta noite, repito,  
enquanto uma ligeira chuva caía sob o palácio;  
enquanto janelas e portas fechavam-se ao mundo;  
as cordas de *A Bing* quebraram:  
quebraram sob as nossas próprias mentiras.

Nesta noite, repito, nesta noite;  
vejo o arco-íris, logo, ajoelho meus olhos  
e clamo aos três Budas  
para livrarem-me do sofrimento,  
libertarem-me da lua que, sempre, sempre,  
sempre fala-me de teus olhos.

Nesta noite. Nesta noite,  
as cordas de *A Bing* estilhaçaram a nossa mentira.  
Nesta noite, a lua fala-me de teus olhos,  
e a reminiscência embebeda o vinho.  
Nesta noite, estamos sozinhos,  
eu a esperar por ti, e, tu a caminhar um outro caminho.

\*

 [higor.lima@unifesp.br](mailto:higor.lima@unifesp.br)

Tudo porque naquela noite  
depois de ar e árvores caídas,  
a tragédia ceifou um mar de gente;  
a separar odiadores, amores, amigos  
e futuros encontros do acaso perdido.

E basta o mergulho no grito ensurdecedor  
da loucura que cega o mais lúcido,  
que a consciência vira um sussurro despercebido.  
O mundo fecha-se, acaba e vem outro...  
outro como naqueles dias,  
em que troncos e pescoços foram quebrados,  
na própria simples mentira de civilização; de humanidade.

Reencarnações intermináveis: reminiscências enraizadas no coração.  
Bêbado vou-me a navegar pelo mar de ilusões,  
costa alguma há, pois nada concerta o erro da multidão.  
Com um sinal de teus olhos, minh'alma mergulha  
no mais estimável realgar.  
Enlouqueço a contar os dias que passam;  
passam a nos distanciar cada vez mais,  
até eu não mais notar um fio de tua presença.

Tribulações intermináveis: eu a procurar por ti.  
Tu ascendes aos céus e eu torno-me um demônio esfomeado,  
cada vez mais acorrentado por *Yama*  
[- *Amitufo!* (... como soffro...)].

Reencarnações e tribulações intermináveis: peço pelo excesso.  
Peco em procurar-te e, é a procurar-te que caio, caio,  
caio no abismo a vomitar o sangue e o vazio  
de todo o nosso amor!  
[- *Amitufo!* Eu a amo com benevolência!].

E basta um sussurro que os *bodhisattvas* atendem.  
E basta o sussurro para que *Guan Yin* chora pelos ventres e crianças órfãs.  
E basta o sussurro que *Niulang* e *Zhinü* choram pelos amores perdidos.  
E basta uma lágrima que a cidade do Imperador estremece de dor...

Pinheiros, bambus e ameixas cortadas:  
os três amigos em tempos de frio são assassinados.  
O assassinato é frio pelo machado e fogo, é hedonista.  
*Qilin* não mais aparece, o mundo padece, e,  
Sísifo não mais carrega sua pesada pedra...  
- o ar límpido falta-lhe.

Preso por *Yama* na mais longínqua borda do inferno:  
será que em mil anos escutarei tua voz de salvação?  
O inverno é longo para a próxima efêmera primavera,  
*Shiva* dança euforicamente ao recomeço, e nós, estaremos nele?  
Saber, não sei, mas amo-te, e, como amo-te...